

ANÁLISE CRÍTICA DA OBRA: O DESAFIO DE SANTCHO: O MACAQUINHO.

**Patrícia Aparecida Souza¹, Lídia Maria Nazaré Alves², Leonardo Gomes de Souza³, Paulo César Rizzo de Souza⁴, Janilson Carvalho de Alvarenga Mendes⁵
Ivete Monteiro de Azevedo⁶**

¹Graduada em Administração pela Universidade do Estado de Minhas Gerais (UEMG) Campus Carangola/MG. Graduanda em Letras pela Universidade do Estado de Minhas Gerais (UEMG) Campus Carangola/MG. patriciapsouza@yahoo.com

²Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil. Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil. Graduada em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Carangola (FAFILE), Brasil. lidianazare@hotmail.com

³Graduando em Letras pela Universidade do Estado de Minhas Gerais (UEMG) Campus Carangola/MG. Leonardogomes.jhs@gmail.com

⁴Mestre em Linguística Aplicada no Ensino de Inglês como Língua Estrangeira-TEFL, UAA, paulorosso@yahoo.com.br

⁵Graduando, FACIG, Análise e Desenvolvimento de Sistemas. janilsoncamandes@gmail.com

⁶Doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil. Mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil. Graduada em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Carangola (FAFILE), Brasil. Imazevedo62@gmail.com

Resumo

O presente trabalho introduz o leitor no universo cultural africano, com suas tradições primigênicas, expõe sobre o processo de colonização europeia e suas consequências, que subjugou tradições pré-existentes, forjando nova cultura ideologicamente eurocêntrica. Ao enredar o leitor no histórico de opressão à cultura negra, busca-se moldar o contexto interpretativo do texto a ser investigado, a fim de resultar na aceitabilidade do leitor à obra. Posteriormente, adentramos a análise textual de “O desafio de Santcho: o macaquinho”, mostrando que o referido mimetiza aspectos da cultura africana, mais especificamente guineense, resultando em uma analogia entre identidade africana, texto e intencionalidade das autoras, na construção do sentido da narrativa. Sua tessitura foi possível a partir de entrevista com três alunos da Guiné Bissau que fazem intercâmbio no Brasil, na FACIG, de Manhuaçu. Objetiva-se, com o presente artigo, uma consciência cultural acerca das tradições e preceitos de um povo que foi não apenas dominado, mas teve sua história dirimida pelo complexo de superioridade de uma nação branca. O artigo filia-se ao Projeto de extensão em desenvolvimento na UEMG – Unidade de Carangola, 2018, Produção/divulgação de estudos poéticos de e sobre negros, financiado pelo PAEx.

Palavras-chave: Africanidade; Cultura; Eurocentrismo; Fábula; Tradição.

Área do Conhecimento: Ciências humanas

1 INTRODUÇÃO

Segundo o dicionário online Michaelis, o vocábulo cultura pode ser definido como “conjunto dos hábitos sociais e religiosos, das manifestações intelectuais e artísticas, que caracteriza uma sociedade.” A definição é muito clara e muito útil para estudarmos culturas mais visibilizadas e legitimadas por diferentes discursos homogeneizadores. Todavia, existem culturas que há bem poucas décadas vêm despertando o interesse dos pesquisadores. Em casos assim, pode ser que a definição supracitada deixe escapar alguma coisa que, até então, não era entendida como cultura.

Cuche (1999) apresenta uma noção mais completa para a leitura que temos em mente, haja vista seu caráter pouco eurocêntrico. Para o referido, a noção de cultura é “inerente” à reflexão das

Ciências Sociais. Por tal noção, continua, faz-se “pensar a unidade da humanidade na diversidade além dos termos biológicos.” Ele acredita que esta noção de cultura “parece fornecer a resposta mais satisfatória à questão da diferença entre os povos, uma vez que a resposta “racial” está cada vez mais desacreditada, à medida que há avanços da genética das populações humanas.” (cf CUCHE, 1999, p.9).

Vê-se que a noção de cultura do Cuche é mais completa, e ao falar da diferença entre os povos, teremos a base para prosseguir a escrita do presente artigo, no qual abordaremos a questão da despersonalização da cultura africana, advinda da fragmentação de sua identidade, causada pelo processo de colonização da Europa.

Inicialmente, introduzir-se-á o leitor no contexto da África ágrafa, com suas tradições e identidade pura, sem a influência ocidental do pós-colonialismo, passando pelo pensamento europeu que colocava a transmissão oral do negro como falta de erudição destes e de como a herança oral se perdeu diante do olhar do branco e do próprio negro que sucumbiu à visão eurocêntrica, chegando aos efeitos causados pela colonização e seus impactos na herança social, e com essa conjuntura, chegar à acepção do significado que subjaz a obra, no prelo, de Aparecida Gomes Oliveira e Lídia Maria Nazaré Alves, ilustrada por Thiago Assis “O desafio de Santcho: o macaquinho”, que tenta um resgate da literatura incipiente do povo africano, usando do gênero fábula para criar um enredo que envolve o leitor no universo da cultura desta civilização, trazendo uma reconstrução diaspórica, em busca da manutenção da herança oral africana.

A análise do texto literário, através de uma leitura polissêmica, busca compreender o que as escritoras tiveram intenção de transmitir nas entrelinhas da narrativa e correlacionar o discurso literário usado com a intencionalidade de busca da identidade e de reivindicação da alteridade Afro.

2 DESENVOLVIMENTO

Segundo Arthur Percival Newton, historiador do Império Britânico, em uma conferência na Royal African Society de Londres em 1923, a África não possuía “nenhuma história antes da chegada dos europeus. A história começa quando o homem se põe a escrever”.

Ao ler a frase acima, entendemos como o Eurocentrismo negou a cultura africana, ao afirmar que um povo sem escrita é um povo sem cultura. A África pré-colonial, abalizadamente ágrafa, mantinha sua cultura através da oralidade. Não havia escrita. Todo e qualquer conhecimento, ensinamento e filosofia de vida, eram repassados oralmente pelos chamados tradicionalistas: “Os grandes depositários da herança oral são os “tradicionalistas”. Memória viva da África, eles são suas melhores testemunhas.” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p.187). Estes eram os conhecedores, tinham posse do conhecimento e o repassava aos demais. Na tradição africana, a fala é algo sagrado, por esse motivo, a mentira é inaceitável, como se ao proferir uma mentira estivesse ao mesmo tempo negando o criador, já que a palavra é um dom divino dado ao homem e, é através dela, que toda herança ancestral é transmitida.

Nas tradições africanas, pelo menos nas que conheço e que dizem respeito a toda região de savana ao sul do Saara, a palavra falada se empossava, além de um valor moral fundamental, de um caráter sagrado vinculado à sua origem divina e às forças ocultas nela depositadas. Agente mágico por excelência, grande vetor de forças etéreas, não era utilizada sem prudência. (BA, 2010, p. 169).

Pouco se ouve sobre Literatura Africana. Poucos são os nomes mundialmente conhecidos por representarem a história da África. E muito disso é devido ao olhar Europeu, que foi enraizado durante a colonização do continente, e a substituição da cultura oral, tipicamente africana, pela escrita.

Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua racionalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. (FANON, 2008, p. 34).

Como explicitado no trecho supracitado, Frantz Fanon revela a dominação do Europeu ao impor o Eurocentrismo ao africano, sonegando a cultura já existente em uma nação em prol da trazida pelo colonizador. Ainda reafirmado em:

O negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco. Um negro comporta-se diferentemente com o branco e com outro

negro. Não há dúvida de que esta cissiparidade é uma consequência direta da aventura colonial{...} (FANON, 2008, p.33).

Os tradicionalistas foram perseguidos pelos colonizadores, já que, como as tradições eram repassadas por eles, tirando os demais de sua influência, nada além da cultura do colonizador seria transmitida, sendo o povo, assim, facilmente dominado. Nas tribos, as crianças aprendiam pela educação difusa, em que não só imitavam os adultos, mas aprendiam com os anciões sobre os mitos, costumes e estórias da aldeia, perpetuando a tradição entre os mais novos, repassando de geração a geração.

[...] a educação tradicional começa, em verdade, no seio de cada família, onde o pai, a mãe ou as pessoas mais idosas são ao mesmo tempo mestres e educadores e constituem a primeira célula dos tradicionalistas. São eles que ministram as primeiras lições da vida, não somente através da experiência, mas também por meio de histórias, fábulas, lendas, máximas, adágios, etc. os provérbios são as missivas legadas à posteridade pelos ancestrais. Existe uma infinidade deles (BÂ, 2010, p.194).

Por vários meios, estes conhecimentos eram transmitidos, e a história mantida. Vemos um pouco de como essa cultura/literatura oral era difundida ao analisar o trabalho de Héli Chatelain, linguista e missionário suíço, que resultou no livro "Folk Tales of Angola", de sua autoria, publicado em edição bilíngue inglês e quimbundo no ano de 1894. Durante seus estudos, Chatelain tipificou a Literatura Africana em 6 categorias sendo elas assim denominadas (vd. Chatelain, 1960):

Mi-soso: Seriam estórias de ficção da tradição angolana, fábulas, contos, estórias que se inclinam para o maravilhoso. Exemplo da Literatura Mi-soso é o livro homônimo de Óscar Ribas, escritor e etnólogo natural de Angola. O trabalho de Ribas corroborou com a continuidade da identidade Africana, pois traz nele contos, fábulas, adivinhas, todas advindas das crenças, dogmas e filosofias do povo do Noroeste Africano;

Maka: Assemelham-se às anedotas, são histórias verdadeiras ou tidas como tal. Usadas tanto para ensinamentos quanto para lazer e diversão;

Malunda ou Misendu: Histórias sobre os feitos da tribo e da nação, transmitidas por líderes ou anciões entre gerações, eram mantidas em segredo entre as autoridades das tribos;

Ji-sabu: Provérbios que trazem os costumes da tribo e ou da nação;

Mi-imbu: As canções;

Ji-non-gongo: As adivinhas, que eram não só divertimento, mas também estímulo à memória.

Outros estudos e denominações foram dados por outros estudiosos da cultura Africana; porém, no decorrer deste trabalho, nos ateremos às tipificações de Chatelain. Todavia, outro grande nome deve ser lembrado, o de Wole Soyinka, escritor nigeriano ganhador do Nobel de Literatura em 1986. Em sua vinda ao Brasil na Feira do Livro de Porto Alegre em 2016, Soyinka deu a seguinte declaração ao falar sobre o resgate da cultura dos negros: "Parecia que alguém de fora sempre precisava certificar o que estávamos dizendo. Não preciso que um pesquisador europeu me diga o que pensa o babalaô¹ que vive na frente da minha casa." Uma de suas obras, que podemos enquadrar como Mi-soso à luz de Héli Chatelain, é o livro "O leão e a Joia", seu único livro traduzido para o português. Uma fábula contemporânea que conta a história de Baroka, chefe de uma aldeia de Ilujinle que era conhecido como "o Leão", este, apaixonado por Sidi, a joia da tribo Yorubá, disputa seu amor com Lakunle, um jovem professor carregado da cultura ocidental e a favor da europeização das tradições africanas.

Percebe-se, então, a transfiguração da realidade vivida na "batalha" entre pré-colonização representada por Baroka e pós-colonização vista em Lakunle, que traz a cultura Europeia já enraizada na civilização africana. Mesmo a tradição tendo sido oprimida pela colonização, que impôs sua cultura, religião e costumes, ainda temos autores que insistem na manutenção da identidade dos povos africanos. Soyinka usa da fábula "O leão e a joia" para mostrar os entraves entre o africano e o europeu colonizador. A obra busca não só revitalizar a identidade nacional como denunciar o poder coercitivo usado pelos colonizadores europeus.

Alguns autores que se baseiam na africaneidade em seus textos, tentam transmitir a oralidade, que era a base de toda a África ágrafo, através de sua escrita, por mais paradoxal que isso seja, é como levar a palavra por escrito. Ainda existem estudiosos que veem a oralidade como não confiável, que o simples falar passado adiante não confere a veracidade que a escrita traz. Contudo, nas

¹ Babalaô ou Bâbáláwo significa "O Pai dos segredos" que tem o poder de saber o passado, o presente e o futuro, segundo a crença africana.

palavras de Amadou Hampâté Bâ (2010, p.168) “Os primeiros arquivos e bibliotecas do mundo foram o cérebro dos homens. Antes de colocar seus pensamentos no papel, o escritor ou estudioso mantém um diálogo secreto consigo mesmo”, por conseguinte, toda escrita vem da fala, nem que seja do diálogo do autor consigo, dessa maneira, cai por terra a concepção de que a oralidade não tem valor de verdade no que se concerne a fatos ocorridos no passado.

Muitos escritores ainda lutam pela tradição de um povo, pela continuidade de sua tradição, porém, ao leremos seus textos, devemos não apenas decodificá-los, mas decifrá-los. Ler o que o autor realmente deseja nos passar, mergulhar no contexto ao qual a história se dá e nos desprender de qualquer julgamento, para que a cultura de uma nação não se dissolva sob o olhar Europeu. Quando uma obra é arraigada da erudição de um povo, devemos ter os olhos de seu autor, do que ele sente, e qual a mensagem por trás das palavras. No momento em que se trata da questão identitária de uma sociedade, deve-se abster de todo e qualquer julgamento e conceito prévio, para que isso não cause dano à interpretação, assimilação e reflexão sobre o que se lê.

No caso brasileiro, um povo também colonizado, é incontestável que com a chegada do português ao Brasil, e a imposição de seus costumes, adquirimos e repassamos nos mais de 500 anos após o descobrimento, o “olhar europeu”. Vemos não com nossos olhos, mas com a visão do maniqueísmo que nos foi imposta pelo colonizador. É preciso perceber a mensagem que subjaz às meras palavras no papel, deixando de lado o branqueamento cultural trazido junto às Naus de Cabral. E é com esse olhar, o olhar de um país miscigenado, que iremos analisar o Mi-soso intitulado “O desafio do Santcho: o macaquinho”, obra da Professora Doutora Lídia Maria Nazaré Alves e coautoria da Professora Aparecida Gomes Oliveira, incorporando a alma da Guiné na leitura e análise do texto.

2.1 O texto em análise

A obra a seguir será analisada à luz dos autores: Amadou Hampâté Bâ (2010), Chatelain (1960) e Frantz Fanon (2008). Apresentando a necessidade de repensar a história da África e da colonialidade, esta, como forma de continuidade das relações de dominação europeia.

O desafio do Santcho: o macaquinho

“Num colorido mato tropical africano, moravam dois animais que viviam disputando sobre quem era o melhor e o mais inteligente. Eram eles: Gigi, a girafa e Leozinho, o leão. A principal vítima de suas provocações era o pequeno macaco Santcho, que morava em um bonito poilão.

Gigi era muito vaidosa e se achava superior aos outros bichos por ser tão alta!

— Olá, Santcho! Como vai o macaquinho mais feio do mato? Pergunto, porque estou cada vez mais linda!

Santcho nada respondeu. Ele era um macaco pequeno, mas muito sábio e pensava numa maneira de mostrar à girafa que ela não era melhor do que ele.

Neste momento Leozinho apareceu.

— Oi, Santcho! Como está sua força hoje? Pergunto, porque sou o rei do mato e estou cada dia mais forte. Forte e po-de-ro-so!

De repente, Santcho teve uma ideia:

— Gigi e Leozinho, quero convidá-los para uma roda de conversas, debaixo do meu poilão.

— Eu aceito! Responderam ambos de uma só vez.

— Bem, disse o macaquinho, proponho-lhes em desafio!

— Um desafio! — perguntou Gigi.

— Eu adoro desafios! — Disse Leozinho — sou o rei do mato e nunca perdi um desafio.

— E você, Gigi, aceita?

— Mas é claro! Vou provar ao Leozinho que sou mais esperta do que ele.

Santcho então explicou:

— O desafio é muito simples. Vou provar que vocês têm muito a aprender.

— Duvideodó! — Disse Gigi com ironia.

— Eu, muito mais! Disse Leozinho.

Santcho pegou uma banana e explicou:

— O desafio é o seguinte: Aquele ou aquela – falou olhando para o alto e para mais alto- que conseguir descascar esta banana será o vencedor e considerado o mais sábio do mato.

— É moleza! Hahahahaha... Debochou Gigi.

— Eu vou ser o primeiro!- Antecipou Leozinho.

— Tu-do-bem. _Concordou Santcho.

Leozinho pegou a banana e pensou que seria muito fácil descascá-la. Tentou todas as maneiras, mas não conseguiu. Santcho e Gigi aguardavam em silêncio. Após várias tentativas frustradas, Leozinho desistiu.

— Santcho, não consigo... _falou abaixando a cabeça.

— Agora é sua vez, Gigi!

— Tudo bem. _Disse a girafa já um pouco desanimada.

Santcho e Leozinho observavam silenciosos.

Depois de algum tempo, Gigi admitiu que não dava conta de descascar a banana e devolveu-a ao pequeno macaco.

- Agora é a minha vez!

O pequenino Santcho pegou a banana, e, com toda facilidade descascou-a sob os olhares atentos de Leozinho e Gigi. Em seguida concluiu:

— Só queria lhes mostrar que ninguém sabe tudo, todos têm algo a aprender e a ensinar, pois sim?!

— Você tem razão, Santcho. Desculpe-me por tantas vezes tê-lo desprezado. Dou-te minha palavra que não o farei novamente!

— Eu também preciso me desculpar... _completou Leozinho.

— Eu tive uma ideia!_ Pulou o macaquinho de repente, todo entusiasmado_ Que tal abrirmos uma escola aqui, no mato!?

— Mas como?_ Perguntou Gigi.

— É simples, podemos reunir todos os bichos do mato e dar-lhes a oportunidade de ensinarem aquilo que fazem de melhor e poderão aprender o que não sabem.

— Boa ideia!_ concordou Leozinho.

— Se unirmos nossos conhecimentos, seremos invencíveis!_ Concluiu Santcho.

— Adorei a ideia! Serei a secretária, Leozinho pode ser o diretor e você, Santcho, aceita ser o nosso professor?

— Aceito!

Gigi se encarregou de comunicar aos animais do mato. Todos se admiraram ao vê-la tão simpática!

Leozinho registrava o nome dos novos alunos, sentia-se como um deles e era mais feliz por isso.

O macaquinho Santcho estava feliz pelo novo rumo que as coisas estavam tomando.

Todos os bichos se reuniam, no fim da tarde, debaixo do grande poilão, para trocarem experiências e aprenderem uns com os outros.

No final do ano, foi aquela festa!

Gigi tornou-se a girafa mais simpática do mato, pois descobriu que tamanho não significava tudo.

Leozinho tornou-se amigo de todos, descobriu que ter força sem sabedoria não fazia dele um rei do mato completo.

Santcho, pequeno e sábio, tornou-se o conselheiro do mato e concluiu:

— Todos têm algo a aprender e todos têm algo a ensinar. Pois não?!"

2.2 Personagens

Santcho é um esperto macaco que sofre zombaria dos outros moradores do mato, a bela girafa Gigi e o forte leão Leozinho. O uso das fábulas (Mi-soso) com animais era muito comum nos ensinamentos nas tribos, eles eram tidos como sagrados.

Alguns povos da Guiné mantinham vínculos com animais, tais como a vaca, a hiena, a onça, alguns répteis como o jacaré ou a jiboia. Algumas plantas e a árvore do poilão em especial, podiam assumir atributos de divindades protetoras e, assim como os animais mereciam respeito e proteção. Por

isso, algumas espécies de plantas e animais não eram consumidas, machucadas, abatidas ou mortas. A planta, animal ou objeto ligado à natureza por vezes assumia uma representação ancestral ou símbolo do grupo, protegendo-o e determinando proibições, tabus e deveres particulares. (LEISTER, 2012, p.144).

O uso de animais no texto evoca a devoção que os Guineenses atribuíam a essas criaturas. Porém, o Mi-soso não era simplesmente o uso de animais em estórias, havia todo um ensinamento moral, ético e reflexivo por detrás dos atos dos animais da narrativa, por isso eram usados pelos mais velhos para ensinar conduta moral aos mais jovens.

Ao iniciar a leitura, situamo-nos que o texto se passa na África. Santcho é o nome em crioulo de uma espécie de macacos, o Santcho Fula é típico das Savanas da Guiné-Bissau, e sua morada, o poilão, é uma árvore arraigada da cultura do povo Guineense. Com troncos imponentes e de grande porte, o poilão era considerado sagrado, e sua sombra tida como local de culto, como vemos em:

Os irans² são cultuados nas balobas (santuários, locais de culto, de evocação ou de consulta), e os balobeiros são seus sacerdotes ou intermediários. O local é marcado por uma árvore sagrada, em geral um imponente e secular poilão, de enormes proporções e que tão bem caracteriza a paisagem africana, árvore de raízes tubulares gigantescas, com seu tronco rugoso e acidentado, esgalhando-se em todas as direções, formando uma copa majestosa, como um imenso abrigo umbroso. (AUGEL, 2007, p.93-94).

A zombaria dos outros animais ao macaco pode representar, assim como a fábula de Soyinka, os negros que já haviam incorporado a identidade europeia, na qual tudo que fugia de suas asserções era de pouca valia e importância, os europeus eram soberanos, assim como o leão e a girafa eram preeminentes ao resto de todo o mato. Ao convidar a girafa e o leão, para uma roda de conversas, embaixo do poilão, o sábio macaquinho encontra uma forma de ensiná-los uma lição, por meio do desafio da banana, em que quem conseguisse descascá-la seria o animal mais sábio de todo o mato. Desafio este, aceito de pronto por ambos.

Ao perceberem que não conseguiriam realizar o desafio, mesmo depois de tentarem muito, tanto o leão quanto a girafa, ficaram desapontados, perdendo toda sua altivez. Imediatamente, Santcho pega a banana e a descasca com facilidade cumprindo o desafio.

Eis então o ensinamento: de que adianta a força de Leozinho e a beleza de Gigi quando nenhum dos dois tem sabedoria para usá-las, sendo arrogantes e competindo entre si para serem os melhores do mato?!

Santcho os ensinou que todos têm a aprender tanto quanto têm a ensinar, isso nos remete aos povos africanos, onde os mais velhos repassam ensinamentos e conhecimentos adquiridos de seus ancestrais. Santcho seria um tradicionalista que carrega a herança oral e elucida-a aos demais animais do mato embaixo da sombra do sagrado poilão. Ao dizer que poderiam reunir todos os bichos do mato e dar-lhes a oportunidade de ensinarem aquilo que fazem de melhor para assim, aprenderem o que ainda não sabiam, Santcho contribui para a manutenção da tradição oral local e à ratificação da sabedoria dos ancestrais.

[...] o gênero das fábulas clássicas, onde os animais assumem o exemplo, o comportamento e a linguagem dos homens. Todas as histórias de animais têm intencionalidade educacional. A estrutura narrativa desenvolve uma linha de sabedoria sutil e maneirosa. Nela, os antes humildes e fracos conseguem, pela esperteza e pela astúcia ou pela inteligência, defender-nos dos fortes, arrogantes e dominadores. (FERREIRA, 1994, p.214).

O Mi-soso era muito usado para passar ensinamentos, era uma maneira lúdica de transmitir os valores da sociedade aos demais, em que ao final da estória sempre havia um tema a se refletir, levando a uma conclusão moral. Por suas semelhanças estruturais e intencionais, Chatelain classificou o Mi-soso como um tipo de fábula. Percebe-se a intenção das autoras em expor também o Ji-sabu ao findarem a obra com: “Todos têm algo a aprender e todos têm algo a ensinar”, esta foi a lição ensinada aos demais, dando origem a este provérbio intencional.

² Os irans eram forças espirituais que ligavam o Divino ao humano, faziam a comunicação entre o mundo espiritual e o terrestre.

Nesses termos, o texto em análise conserva a identidade cultural do povo guineense ao elucidar a oralidade africana usando o Mi-soso para levar a uma lição de reflexão sobre a verdadeira sabedoria. O cuidado das autoras em envolver o leitor no ambiente da obra é feito de uma forma leve que subjaz ao texto, com as referências feitas ao citar o poilão, árvore sagrada nas tribos, o Santcho, nome em crioulo de um tipo de macaco, e repassar uma reflexão moral com o diálogo dos animais se utilizando de um Ji-sabu (provérbio) no desfecho da obra. Até mesmo a palavra “mato” nos coloca em um lugar diferente, pois intencionalmente não foi usado o termo selva ou savana, tentando preservar ao máximo a raiz identitária africana no discurso literário em termos que podem passar despercebidos.

Ao montar a escola do mato os animais simbolizam a transmissão oral, passada de geração a geração. O sábio Santcho e todos os outros contariam sobre suas experiências e aprendizados, estando a verdade, o ensinamento e a reflexão no falar dos que ensinam e no ouvir dos demais.

3 CONCLUSÃO

O texto analisado tenta trazer um pouco da cultura da antiga Guiné-Bissau sob o viés de duas autoras preocupadas em transmitir e perpetuar a identidade africana. As ideias expressas pelas escritoras nos colocam de volta ao nosso continente, às nossas raízes. Percebe-se isso diretamente na escolha do gênero fábula. Gênero este de íntima relação com a cultura afro. Nas palavras de Marcuschi (2008, p. 129), “a situacionalidade é uma forma particular de o texto se adequar tanto a seus contextos quanto a seus usuários”, e é pertinente ressaltar a situacionalidade enquanto elemento da textualidade, usada para construção da significação marcante do texto.

Não se pode negar a história de um povo. Um grupo social traz sua identidade em seus costumes, em suas histórias e o presente discurso literário nos guia ao resgate da questão identitária destes, para que esta não sucumba por completo. Obras como esta nos aproximam de um continente o qual estamos atrelados culturalmente. Somos o país com a maior população de origem africana fora da África. Temos o sangue africano em nossas veias, e saber mais sobre nossas origens, buscando nossas ancestralidades é um ato de empoderamento cultural de nossa raça.

As ideias aqui expostas buscam envolver o leitor no contexto de uma época em que uma sociedade foi sucumbida em prol de outra com um complexo de superioridade tão exacerbado que tudo que ousasse ser diferente era simplesmente dissipado. Mas, a cultura desse povo deve e será mantida enquanto existirem autores que transpassem as barreiras culturais do Eurocentrismo, preconizando a cultura negra, e assim como nossos ancestrais, levando-a de geração a geração. Enquanto houver quem repasse a história, ela se manterá viva.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGEL, M. P. **O desafio do escombro:** Nação, Identidades e Pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2007.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais.** São Paulo: Ed. Edusc, 1999.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Bahia: Editora Edufba, 2008.
- FERREIRA, J. **A literatura popular da Guiné-Bissau.** África, n. 16-17, p. 211-218, 25 dez. 1994.
- HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. Tradição Viva. In: **História Geral da África:** Metodologia e Pré-História da África. Vol. I. Brasília: Unesco, 2010, p. 167-212.
- LEISTER, C.F. **Um prefácio a povos da Guiné-Bissau:** O boletim cultural da Guiné portuguesa (1946-1973) 2012
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- SOYINKA, W. **O leão e a joia.** Tradução de William Lagos. São Paulo: Geração Editorial, 2012.
- BOUT, N.; GHIURGHI, A. **Guia dos mamíferos do parque nacional de cantanhez.** Ação para o desenvolvimento, Guiné-Bissau, 2013.
- IBAP - **Instituto da Biodiversidade das Áreas Protegidas.** Página inicial. Disponível em: <<https://www.ibapgbissau.org/>>. Acesso em: 01 de set. de 2018.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa.** Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 10 out. 2018.

CHATELAIN, Heli (1960), **Contos Populares de Angola**. Lisboa: Agência-Geral do Ultramar.